

ANDRÉ LOUCO, A FICÇÃO REALISTA DE BERNARDO ÉLIS

Ramir Curado

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)
Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (Icebe).
curadoramir@gmail.com

Que história mais interessante! O cenário urbano é igual àquele que os meus pais descrevem quando falam da época da infância deles em Corumbá, ou seja, do tempo de criança de Bernardo Élis, uma vez que eles são conterrâneos e contemporâneos desse primo famoso. Eu até conheço alguns dos personagens desta novela. E essas reuniões na sala de visitas são parecidas com as que eu participo na casa de meus parentes.

Foram estas as impressões que tive quando, na minha adolescência li, pela primeira vez, a novela André Louco no livro *Ermos e Gerais* com o qual Bernardo Élis estreou no mundo literário. Assim, devido a atenção que sempre tive quando ouvia dos mais velhos suas histórias referentes a Corumbá e a meus parentes e também graças a leitura dos escritos históricos e memorialísticos de Herculano Curado, Benedito Rocha, dos irmãos José Ardelino e Agnelo Fleury e do próprio Bernardo Élis na sua autobiografia publicada no livro *Veranico de Janeiro*, pude perceber que este escritor recriava artisticamente passagens de sua vida e de sua terra natal.

Na novela, André era um louco que as pessoas temiam por causa da violência que praticava. Como não existisse um hospício no município, ele foi preso na cadeia local, mais precisamente no horrendo calabouço que nela havia. E da prisão assustava a cidade inteira com os seus urros alucinados. Esse demente chegou a colocar em pânico os moradores da cidadezinha ao fugir duas vezes do cárcere e vagar pelas ruas do lugarejo arrastando a enorme corrente que lhe foi colocada na prisão e, após muitas peripécias, foi reconduzido para o cárcere, sendo que durante a sua segunda fuga ele chegou a matar uma criança. Também chegou a ficar atado num moirão no meio do Largo da Cadeia, quando a prisão estava sendo

concertada. Por fim, foi entregue aos seus parentes que o levaram para uma fazenda onde foi torturado até a morte.

Informado por corumbaenses mais idosos, leitores de Élis, que a novela mostrava um fato ocorrido em Corumbá durante a infância do mesmo, procurei os diários de um tio desse escritor, o memorialista Francisco Herculano Fleury Curado que de 1875 a 1925 anotou sistematicamente o cotidiano de Corumbá de Goiás, onde encontrei as seguintes informações. Na madrugada do dia 15 de maio de 1920 um louco chamado André, da fazenda Areias, correu as ruas da cidade chamando o povo para confessar. Capturado, foi preso na cadeia local. Uma semana depois, no dia 22 de maio, o louco fugiu da cadeia indo até a sede da Banda 13 de Maio, situada na época na esquina da Rua Direita com a Rua das Flores. Recapturado, foi novamente preso. No dia 8 de outubro do mesmo ano Herculano anotou que “- amanheceu morto o preso louco André.”

Fui depois procurar o registro do sepultamento de André louco na secretaria da paróquia, onde existe este registro. “-Aos nove dias do mês de outubro de mil novecentos e vinte, nesta cidade de Corumbá, foi sepultado no cemitério público, na área dos comuns, André Batista de Moraes, de 38 anos de idade, casado com Ana Borges Tavares e filho natural de Ana Batista de Moraes, o qual faleceu em consequência de diversos ferimentos em seu corpo produzidos por si mesmo que se achava louco. O zelador Pulchério Fernandes de Carvalho.”

Comprovada a vinculação entre a novela e a realidade histórica, passei a investigar como Bernardo Élis caracteriza a cidade de Corumbá de Goiás nessa novela e em quais pessoas o autor se inspirou para criar os seus personagens.

Na novela André Louco, Élis menciona o nome das seguintes vias urbanas na cidade onde acontece essa história: Largo da Cadeia, Largo do Cemitério, Largo de Baixo, Rua de Baixo, Largo da Matriz, Rua de São Bento, Rua Direita, além de uma rua afastada, perto da serra. Também mostra que a cidadezinha não tinha energia elétrica, que só a Rua Direita, onde ficava o sobrado do coronel, era calçada, que era comum os corumbaenses encontrarem animais bovinos soltos pelas ruas, pastando ou dormindo nos Largos, e que o relógio público, colocado na igreja matriz, era interligado com o sino e, desse modo, badalava o número de horas. Na zona rural, ele menciona a família Peixoto da Varginha, cuja matriarca foi morta por André Louco.

O historiador Benedito Rocha afirma que, entre 1862 e 1937 existiam as seguintes vias públicas em Corumbá: Largo da Matriz, Largo da Cadeia, Rua Direita, Rua da Bagagem, Rua de São Bento, Rua do Campo, Rua de Santa Cruz, Rua da Pedra, Rua das Flores, Ladeira do Aprisca, Beco do Ferreiro, Passagem do Pinto, Rua Nova, Rua do Asilo e Rua da Palha.¹ Cruzando essas informações com outras fontes verifiquei que a Rua do Campo era o mesmo Largo do Cemitério e o Largo de Baixo e a Rua de Baixo eram os outros nomes do Largo da Cadeia, como o próprio Élis explica noutra obra de sua autoria; já a rua perto da serra era a Rua dos Cristais consta no lançamento da décima urbana de Corumbá de 1862 e ainda existe. Por sua vez, o diário de Herculano Curado registra a colocação do relógio público (interligado com o sino) na igreja em 1888, e a inauguração da energia elétrica em Corumbá em 1924, ou seja, quando Élis tinha oito para nove anos de idade. As fotografias da cidade, na época da infância deste escritor, mostram que somente a Rua Direita tinha calçamento no local onde transitavam os veículos, as boiadas e os cavaleiros. Nesta rua ficava o sobrado do comandante regional da Guarda Nacional, coronel João José Curado (1798-1865). Verifiquei também que próprio Élis critica na sua autobiografia a presença de bois e vacas soltos nas ruas de Corumbá. E, ao verificar os nomes das propriedades rurais desta urbe nas três primeiras décadas do século XX, encontrei a fazenda Areia dos Peixoto.



Foto 1 - Corumbá. No centro do Largo da Cadeia o prédio da câmara e cadeia, no alto a igreja matriz e, à sua direita, a casa dos avós de Élis onde Erico residiu quando criança. Foto: Bonvicino, 1905.

¹ ROCHA, Benedito. O Nome das Ruas. In: O Corumbaense Goiano, ano I, nº 19.

Quanto ao prédio da cadeia onde André foi preso, ele aparece em várias fotos do Largo da Cadeia tiradas entre 1905 e 1937, ano da demolição do mesmo pela prefeitura municipal. Élis o descreve nessa novela como “-um casarão baixo, de janelas de grades, pintado a oca...Da porta da igreja...via-se a prisão que ficava a mais de cem metros .” Esta descrição coincide com a dos historiadores locais e com as fotografias tiradas desde prédio entre os anos de 1905 e 1937.

A novela André Louco é narrada por um menino, cuja família é formada pelos pais, por um irmão também criança e por uma mulher adulta criada pelo casal. Vejamos agora as semelhanças entre essa família e a que o autor teve na sua infância.

João Ferreira da Silva, pai do menino narrador, é um negociante culto, admirador da Europa e dos estrangeiros em geral, que costuma ler livros em sua loja. Tem até conhecimento de línguas estrangeiras, pois lê em francês e, conforme terceiros, conversa em alemão. Sua prosa é erudita, discutindo assuntos de natureza histórica, geográfica, jurídica, filosófica e filológica com o juiz, o médico e o dentista de igual para igual. Enfim possui, conforme o narrador, uma “ilustração de almanaque”, pois tem uma boa noção sobre diversas áreas de conhecimento. Por outro lado, é um sujeito tímido, incapaz de negar qualquer pedido que as pessoas lhe fazem, se irritando com esse tipo de atitude que costuma ter por sentir que assim agindo ele prejudica seus próprios interesses. Quando está contrariado gosta de provocar o seu interlocutor para um debate por meio de afirmações radicalmente contrárias ao pensamento desta pessoa. Em situações difíceis costuma agir de forma oposta à que a maioria dos indivíduos age. Tem ímpetos de violência e procura esconder de si e dos outros os seus erros e fraquezas. Apesar de não ser formado em direito, exerce às vezes a advocacia criminal.

Erico José Curado, pai de Bernardo Élis, também costumava ler em sua casa comercial. Élis afirma que o seu pai “-além do português, adquiriu boas noções de matemática, ciências físicas e naturais, história, geografia. Aprendeu alguma coisa de latim, francês, espanhol e inglês”² A respeito de seu temperamento, ele nos diz o seguinte: “-Meu pai era um homem muito tímido, profundamente acanhado e delicado. Como pessoa tímida, quando irritado ou ferido em seu amor próprio, tinha reações imprevisíveis, excessivamente violentas...Era dotado de desenvolvido espírito de contradição e o cultivava com amor, como admirador que era de Eça de Queiróz. Nas conversas, primeiro ficava meio quieto para captar a tendência

² ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Goiânia, Kelps, 2000, p. 21.

dominante, para daí partir para o combate e destruição dessas tendências, o que o levava muitas vezes a cair em contradição.”³ No campo profissional, Erico trabalhou como comerciante. Também exerceu a advocacia, muito embora não fosse bacharel em direito.

Josefa, “Finha” mãe do menino narrador, é uma mulher expansiva em seus sentimentos, muito religiosa, dedicada ao esposo e aos filhos, muito embora seja extremamente severa com eles, castigando-os fisicamente quando esses meninos a desobedecem. Trabalha como costureira. João e Josefa tem dois meninos.

Marieta Fleury Curado, mãe de Élis, era, conforme esse seu filho escritor, franca e extrovertida. Muito religiosa e dedicada ao esposo e aos filhos, educou-os com a severidade da época. Durante toda sua vida foi costureira. Erico e Marieta tiveram dois meninos e uma menina.

O irmão mais velho do menino narrador aparece muito pouco na novela André Louco.

Alberto Maria Fleury de Campos Curado, irmão de Élis e seu companheiro de infância, uma vez que era somente um ano e meio mais velho do que ele, era um menino muito travesso que tinha um temperamento extrovertido, semelhante ao de sua mãe.

Joana, criada de seu João e de dona Josefa, é negra. Ela ajuda a esposa de seu João nos serviços domésticos. Gosta de contar histórias de terror e vive pressagiando maus agouros.

Rosa, criada de Erico e Marieta, era morena. Ajudava a esposa de Erico nos serviços domésticos. Gostava de contar histórias, inclusive de assombração e foi a grande inspiradora de Bernardo Élis em sua produção literária.

O menino-narrador é uma criança introvertida, medrosa, com uma imaginação muito fértil.

Bernardo Élis foi um menino tímido, demonstrando desde cedo seu grande talento literário.

Fora do núcleo familiar, a novela apresenta os personagens sá Maria Lemes, João Manoel e Maragã, que identifiquei respectivamente com sá Maria Cabeça, João Benedito e Mangaraty, personagens reais descritos pelo historiador e cronista corumbaense Benedito Rocha.

³ Idem, p. 23 e 31.

Na novela, Bernardo Élis fala de Sá Maria Lemes como uma “beata rezadeira” muito caridosa, residente no Largo da Cadeia, que “puxa” a reza do terço. “- Vai, ela se mudou para a igreja. Como não havia padre, resolveu sá Maria, ela mesma, rezar o terço cada noite...Na igreja, Sá Maria bancava o padre. Ajoelhava-se junto ao altar. Só ela tinha esse direito incontestável...Sá Maria tirando o terço e as vozes de inúmeras mulheres respondendo.”⁴

Conforme Benedito Rocha, sá Maria Cabeça também era solteira e se dedicava à oração e a caridade, sendo que a sua casa se situava no Largo da Cadeia. Narra esse historiador a atitude desta mulher quando em 1925 Corumbá correu o risco de ser invadida pelos “revoltosos”, ou seja, pelos militares que se rebelaram contra o governo central e que passaram a cavalgar Brasil afora pregando a revolução contra o governo central: “-Maria Cabeça ia desfiando calma as suas preces diante das imagens de sua devoção. A sua fé contaminou a todos, espantando as apreensões e fazendo-nos esquecer o perigo que ameaçava a cidade.”⁵ Mons. Manoel Fleury Curado, que viveu em Corumbá do seu nascimento em 1887 até o ano de 1903, afirma que, no seu tempo de criança o vigário incumbira Maria Cabeça de promover e liderar a reza diária do terço na igreja matriz.⁶

Voltando à novela, Élis nos mostra João Manoel, o carcereiro da cadeia, e sua mulher Maragã que são por ele descritos na novela André Louco: “-Na cadeia não mora ninguém para vigiar André Louco? -Mora, uai! Mora João Mané, carcereiro. - Eu conhecia João Manoel. Tinha uma oficina de ourives mesmo na cadeia. Ia a nossa casa, às sextas-feiras da paixão, vender anéis de prata, muito eficazes contra quebranto. Era muito bom, delicado. Joana contava que João Manoel morava com a irmã e por isso tinha parte com o demônio. A irmã dele era Maragã, habitava uma biboca perto da fonte do Funil⁷.” Élis também afirma que Maragã virava uma lobismulher durante a quaresma.

Benedito Rocha, por sua vez, assim descreve o carcereiro da cadeia de Corumbá na época da sua infância e da de Bernardo Élis: “- A casa de João Benedito ficava na esquina do Largo da Cadeia...João Benedito ocupava a ala que punha para a praça onde instalou a sua oficina de ourives. Aí vivia ele sozinho a sua vida de celibatário...No quintal...havia um copudo pé de mexerica que era a tentação dos garotos. Não havia menino que, passando pela porta, resistisse ao desejo de pedir uma daquelas laranjas ao João Benedito. – A fruta é dos

⁴ ÉLIS, Bernardo. André Louco, op. cit. p. 60 – 61.

⁵ ROCHA, Benedito. Os Revoltosos. In: O Corumbaense Goiano, 6-7-1958, nº 41, p. 1 e 6.

⁶ CURADO, Manoel Fleury. Ponto de vista. In: Notícias Corumbaenses, 11-1979, p. 4.

⁷ ÉLIS, Bernardo. André Louco, op. cit. p. 23.

meninos, meu fio-...e deixando o trabalho de lado, ia em pessoa, com a maior paciência deste mundo...cutucar os galhos da árvore de onde caíam as apetitosas mexericas...João Benedito foi carcereiro durante muitos anos. Se era tão carinhoso com as crianças, não dispensava o mesmo trato com os delinquentes confiados a sua guarda...Metia-os sem dó nas enxovias ou no calabouço...Cumprida a obrigação matinal na cadeia...João Benedito dirigia-se a sua tenda de trabalho, onde ia fazer brincos e anéis quando não eram soldas e consertos em objetos de metal...O grande amor de João Benedito foi Joana Mangaraty que morava na Rua Santa Cruz. Toda tarde, findo o trabalho diário...subia ele a ladeira...rumo a casa da bem-amada com que entretanto nunca se casou.”⁸

Outros personagens dessa novela foram por mim identificados, como, por exemplo, os vizinhos do menino narrador que são o dentista culto, extrovertido e brincalhão que tinha um gramofone em sua casa e o preto dono do cachorro de latido grave cuja esposa Belisária estava sempre pedindo algo emprestado para seu João e dona Finha e também o sacristão da matriz. Todavia, são personagens secundários nessa história e faltam testemunhos da época como os de Benedito Rocha para comentar sobre eles.

Esta novela também mostra antigos costumes da sociedade corumbaense como, por exemplo, as visitas que as pessoas faziam nas casas umas das outras, tão usuais na família Fleury Curado até data bem recente. Expõe ainda a crença no “quebranto” ou em entes sobrenaturais, como o romãozinho e a lobismulher difusa principalmente entre as pessoas mais incultas e crédulas.

Mas o que Bernardo Élis comentou sobre a novela André Louco de sua autoria? Indagado a respeito disso ele nos disse o seguinte.”- *Quando era criancinha, certa vez prenderam um louco na cadeia pública que ficava no centro da atual Praça da Matriz, onde mais tarde foi construído em seu lugar o prédio dos Correios. Eu me lembro dos urros do louco na cadeia e do pavor que isso me causava. Mais tarde escrevi a novela André Louco, inventando uma série de coisas para tornar a história mais interessante.*

Podemos assim concluir que, na novela André Louco, Bernardo Élis reconstrói o universo físico e cultural de Corumbá de Goiás do seu tempo de criança, com o objetivo de mostrar o cotidiano e a vida cultural da época e principalmente as mazelas de um tempo em

⁸ ROCHA, Benedito. Os anéis do carcereiro. In: O Corumbaense Goiano, Ano II, 16-10-1957, n° 25, p. 6.

que as pessoas portadoras de doenças mentais muitas vezes não eram tratadas com o devido respeito.

SOBRE O AUTOR

Ramir Curado

Historiador e economista, mestre em história pela Universidade Federal de Goiás (UFG), lecionou em estabelecimentos de ensino médio e superior. Autor de livros de literatura (poesia, contos e novelas) e de pesquisa histórica e genealógica. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG); do Instituto Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE); da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música (APLAM); da União Literária Anapolina (ULA); da Academia de Letras do Brasil (ALBA) e da Associação de Cultura e Defesa do Patrimônio Histórico de Corumbá de Goiás (ACDPHCG). Integra também a Corporação Musical 13 de Maio e o Coral Vozes de Corumbá.

Recebido para publicação em Outubro de 2020

Aprovado para publicação Novembro de 2020